



BATALHA NAVAL DO NILO OU DE ABOUKIR.

Nas porfiosas guerras, que em todo ou parte nasceram da revolução franceza, poucas batalhas se pelejaram tão importantes como a do Nilo, dita tambem de Aboukir, e não só considerando-a pelo lado da arte militar, como tambem pelas suas consequencias politicas.

Depois da rapida serie de conquistas na Italia em 1797, Napoleão voltando a Paris foi acolhido com excessivo enthusiasmo: aproveitando o fervor da opinião publica, traçou e pôz por obra a invasão do Egypto, empreza arrojada e ponderosa para a qual allegava os seguintes motivos: 1.º Que estabelecida uma colonia franceza nas margens do Nilo, podia abandonar-se o systema da cultura colonial pelos escravos, e tirar dalli os generos que produziã as possessões de S. Domingos e Antilhas. 2.º Que se abriãrã novos mercados para as manufacturas francezas na Africa, Arabia e Syria, obtendo em retorno as desses paizes. 3.º Que a oc-

cupação do Egypto era uma base de operações, para depois dahi mandar um exercito de cincoenta mil homens ás margens do Indo e fazer causa commum com os maratás e mahometanos contra o poder da Inglaterra na India. E provavelmente esta ultima rasão era a verdadeira causal da tentativa.

Preparada a expedição, fez-se á vela de Toulon, com Bonaparte á testa, aos 19 de maio de 1798, compondose de 25:000 combatentes, 13 náus de linha, 6 fragatas, e uma armada de navios de transporte, a que depois se reuniram novas forças sahidas de Genova e outras partes; de caminho conquistaram Malta no curto espaço de doze dias; e chegaram ao Egypto a 5 de julho. Effectuado o desembarque, os transportes entraram para o porto de Alexandria, e as embarcações de guerra fundearam ao longo das praias da bahia d'Aboukir. Deixaremos Bonaparte, capitaneando as tropas, internar-se terra dentro; por quanto é agora o nosso

objecto o que se passou com a esquadra que tomára estação na mencionada bahia. O governo inglez, importando-lhe muito frustrar os designios de Bonaparte, havia mandado uma esquadra ás ordens do conde de S. Vicente, para observar o armamento de Toulon, com determinação de atacar a franceza, se fosse necessario com toda a força naval do seu commando, e quando não com uma divisão que devia ser mandada por Nelson (*). O conde de S. Vicente expediu Nelson do porto de Gibraltar com tres náus de 74 peças, quatro fragatas e uma chalupa: com estes navios dirigiu-se ao golpho de Leão para espiar os movimentos da frota franceza; succedeu que um nevoeiro denso impediu chegar á vista, e passando mais algumas leguas ao mar a armada de Napoleão, foi este incidente talvez a salvação dos poucos vasos britannicos que não poderiam arrostar com força desmedidamente superior. — Nelson, segundo as informações que alcançou, fez aviso ao commandante superior, e recebeu o consideravel reforço de onze náus, e a auctorisação de manobrar e seguir a campanha á sua discreção, como o pedissem as circumstancias. — Nelson vagueou pelo Mediterraneo, e a porção da costa d'Africa, onde presumia encontrar os adversarios; as suas diligencias foram infructuosas, e veio acondicionar os navios e fazer as obras precisas á Sicilia; daqui escreveu n'um officio ao almirantado uma rajada, propriamente britannica, mas que a sua reputação de official de mar e os successos posteriores justificaram: dizia — «que os francezes estão no Egypto é fóra de duvida, mas vão elles para os antipodas, ou seja para onde fór, persuada-se V.ª S.ª que não perderei momento de os procurar e chamar a combate.» — Da Sicilia de novo sahiu em demanda dos contrarios; e poucos dias antes do combate disse aos seus officiaes; — «ou eu ganharei o pariato, ou uma sepultura honorifica no abbadia de Westminster.» — No encontro de Aboukir o numero de vasos era igual, treze navios de linha por cada parte; só os inglezes tinham de mais uma embarcação de 50 peças; mas assim mesmo a frota de Napoleão contava ao todo 1:196 canhões e 11:230 homens, e a britannica 1:012 peças d'artilharia e 8:068 homens. Os navios francezes formavam em curva a linha de batalha; a náu almirante tomára posição quasi junto a um banco d'areia, e todos na disposição em que se postaram na vasta bahia estavam para assim dizer resguardados pela terra; Nelson concebeu o atrevido plano de os metter entre dois fogos; um de seus primeiros officiaes sabedor do designio disse-lhe: — «Se nós sairmos bem o que dirá o mundo! — Tornou-lhe o almirante: — Aqui não se trata de se: que sahiremos bem é certo; agora quem ficará para contar a historia é caso á parte.» — Com estes animos de ferro se concluem emprezas, e se vencem combates. — Não copiaremos a parte official da batalha, nem reuniremos as particularidades della, é factio contemporaneo assaz conhecido, e por isso nos limitámos á parte que podemos chamar anecdótica. Foi pelejada de noite rompendo o fogo ás 6½ da tarde; pouco antes das nove Nelson estava ferido na testa, e o almirante francez, Brueys, morto; dahi a poucos minutos pegou fogo em a náu almirante franceza, l' Orient, de 120 peças, que appresentou pavoroso spectaculo; Nelson no calor da acção deu ordem para que as

lanchas recolhessem quantos podessem dos que fluctuavam nas ondas por tão desastroso incidente; salvaram-se ainda setenta marujos francezes. Depois da explosão recomeçou o combate: nove dos navios de Bonaparte foram tomados, tres arderam, e um foi a pique. — Extraordinarias foram as honras que recebeu Nelson por este vencimento.

O BRAZEIRO.

I.

ERA na tarde de 31 de março de 1621: — na primavera. Havia reunião na camara d'elrei D. Philippe 3.º, no palacio de Buen-Retiro. O ar era ainda frio, como de ordinario em Madrid nesta estação. — Estava no meio da sala um brazeiro de cobre dourado. Diante deste brazeiro e de uma janella que olhava para os jardins do palacio, e para a estatua equestre de Carlos 5.º, estava sentado n'uma cadeira d'espaldar elrei D. Philippe 3.º Conhecia-se pelas tres condecorações reaes que lhe brilhavam no peito, a de Sant-Iago, de Calatrava e de Alcántara; pela sua pallidez, e pelos cabellos ralos de uma duvidosa cór loura; assim como pela barba ruiva que lhe rodeava a parte inferior do rosto; que pertencia á casa d'Austria, e que era um dos polidos descendentes do glorioso monarcha, cuja estatua ornava o Buen-Retiro.

Havia pouco tempo que Philippe se levantára de uma doença; e ou fosse que a sua saude ainda se não tivesse bastantemente fortificado, ou fosse que a força vital já se lhe ia extinguindo na idade de 43 annos, é certo que todas as suas feições mostravam uma caducidade prematura. Com a cabeça inclinada sobre o peito, como se lhe não pudesse com o peso; as faces encovadas; os olhos amortecidos e sem expressão; as mãos — as compridas, magras, ossudas mãos — negligentemente e sem vigor descangando nos joelhos; parecia nesta posição um moribundo de lucto por si mesmo. Até o logar da scena, apesar da presença de muitas pessoas, era taciturno e mudo como a morada dos mortos.

Á esquerda da cadeira d'elrei estava sentado n'um moxo coberto de velludo o mordomo-mór, que se conhecia pela chave de ouro bordada no vestido: um pouco mais afastado, mas do mesmo lado, estava o duque de Medina Cæli, uchão-mór d'elrei, que gozava do privilegio, annexo ao seu cargo, de diariamente vestir e despir elrei. Ainda mais afastados estavam tambem o estribeiro-mór, o monteiro-mór, e outras grandes dignidades. Todos com rostos severos e immoveis, vestidos de preto, mangas largas e pendentas, e as cabeças cobertas segundo lhes competia.

Do lado direito d'elrei havia só duas senhoras; uma velha e outra moça: a cara de uma enrugada e a testa cheia de cuidados; a da outra rosada e branca, ornada com os encantos vencedores e com o brilho que aos vinte annos adorna o rosto feminil.

A primeira era a camareira-mór, e a outra a joven princeza das Asturias, nora d'elrei, a amavel Isabel de França, que ainda ha pouco havia trocado uma vida cheia de festas e prazeres, e o bello clima da sua patria, pela vida uniforme e claustral das rainhas d'Hespanha; troca que já em outro tempo fóra tão funesta a uma princeza do seu nome. A sua cabeça loura e rosto tranquillo, que o sol de Castella ainda não tinha tido tempo de crestar, estava em visivel contraste com as physio-

(*) Vid. a biographia de Nelson a pag. 257 do nosso vol. 4.º

nomias vivas do sul, mas marcadas com o selo da etiqueta. Elrei endireitou-se e rompeu o silencio [porque na cõrte d'Hespanha a etiqueta prohibe a todos o fallar sem serem perguntados por elrei], e disse com voz fraca: «Esta audiencia que me vi obrigado a dar ao embaixador francez gastou-me as forças. — Que horas são?» — «Senhor — respondeu com vivacidade a princeza das Asturias — apenas são quatro.»

A estas palayras todos os olhos se voltaram com espanto para a princeza, e elrei franziu a testa. «Minha filha, — disse elle com severidade, depois de ter lançado um olhar terrivel — a camareira-mór devia ter prevenido a V. A. que só ao esmoller-mór, o duque de Medina Cæli, é permittida a honra de responder, quando elrei pergunta as horas.

A princeza corou, e uma lagrima cabiu dos seus olhos. Philippe 3.^o pareceu não ver tal e continuou: «Não é hoje 31 de março?»

Uma voz se ouviu, como resposta em ladainha de moribundos: «Sim, senhor.»

«Este dia — continuou Philippe 3.^o — era em tempos passados um bello anniversario na cõrte d'Hespanha: celebrava-se na praça maior com uma corrida de touros, e no Buen-Retiro havia beija-mão solemne; porque neste fausto dia casei com Margarida d'Austria, vossa rainha. Quem se lembra ainda da rainha? Era bella como vós, minha filha: mas eu não sei porque as rainhas d'Hespanha vivem tão pouco. Margarida foi-se na flôr da sua belleza, e já me está esperando ha dez annos no Escorial. — Isto é triste: não fallemos mais nisto. . . . Aonde está o principe D. Philippe?»

Ninguém respondeu a elrei, que duas vezes com visivel impaciencia repetiu a pergunta. A segunda vez dirigiu-se á princeza, que mortificada respondeu: «Não sei.» Mas elrei sem commiseração com a joven esposa, disse em tom colerico: «Enganaste, mordomo; eu, eu muito bem sei aonde está D. Philippe. Está com alguma daquellas malditas comicas. Porque não se appresenta elle quando me levanto, como é da sua obrigação?»

«Senhor, — respondeu timorato o monteiro-mor, a quem compete guardar a porta em quanto elrei dorme — o principe das Asturias veio cá esta manhaã, mas V. M. ainda dormia; por isso lhe não pude permittir a entrada. A etiqueta prescreve que os principes d'Hespanha se appresentem no quarto d'elrei uma vez de manhaã e outra á noite, e nenhuma vez mais, se não forem chamados.» — Elrei inclinou a cabeça, e depois de um longo silencio, disse: «Chama-me o reverendo Fr. Ambrosio.»

Fr. Ambrosio era um dos cento e trinta monges jeronimos do convento de S. Lourenço do Escorial, que, como é sabido, não tinham outra obrigação senão resar pelas almas dos reis e rainhas d'Hespanha. Com profundo saber em historia e genealogias conhecia as chronicas mais raras, e elrei o estimava sobremaneira pela sua sciencia da etiqueta e usos antigos. Dizia-se que era de uma das mais illustres casas d'Hespanha, mas que por humildade o occultava. Elrei quando visitava o Escorial sempre o havia distinguido, até que lhe deu um quarto no paço para mais frequentes vezes lhe fazer supportar o enfado da cõrte. Dizia-se que era muito affeiçãoado a elrei; e durante a ultima doença de Philippe 3.^o se tinha observado que andava muito inquieto e agitado, e que continuamente perguntava aos medicos o estado do real doente, e pe-

dia que o deixassem ir ao pé da cama d'elrei, porque morreria se elrei fallecesse sem elle o ver ainda uma vez: e tambem mostrou singular alegria quando elrei deu signaes de melhora.

Em poucos minutos foi introduzido Fr. Ambrosio. Era um ancião bello, ainda forte para a sua idade que parecia de setenta annos. O seu semblante, enrugado pela força das paixões, assimilhava-se ao de um leão. Nunca levantava os olhos do chão; mas algumas vezes lhe sabiam chammas scintillantes debaixo das fortes sobrancelhas. Prostrou-se quasi diante d'elrei, que o fez sentar-se ao seu lado.

«Reverendissimo — disse Philippe 3.^o, — perdoe-me se o interrompi no exercicio de alguma pratica de piedade: mas não pude resistir ao desejo de me illustrar com a sua opinião. Não me podereis dizer, pois que tendes tão solido saber, se fiz bem ou mal nesta occasião? Veio appresentar-se o embaixador de França, e quando se retirava no fim da audiencia, dei-lhe a mão a beijar, e levantei-me depois para o saudar. Fiz bem, ou deveria ter-me levantado antes de lhe dar a mão a beijar?»

«Senhor — respondeu gravemente Fr. Ambrosio, — foi effectivamente um erro que V. M. commetteu contra a etiqueta, e o embaixador com razão se podia dar por aggravado. A representação d'elrei de França, e os dobrados laços que o unem a V. M., como esposo de vossa filha, e irmão de vossa nora, exigiam imperiosamente que V. M. se levantasse primeiro e depois lhe dêsse a mão a beijar.»

E conhecendo um riso imperceptivel nos beiços de Isabel de França, o monge continuou: «A etiqueta é uma cousa mais seria do que muitos pensam; e em tempos vindouros será gloria da casa d'Austria tê-la estabelecido em Hespanha sobre bases solidas, gloria que principalmente hade recahir no reinado de S. M. elrei D. Philippe 3.^o, que nunca soffreu a menor quebra da etiqueta. Eu da minha parte, se Deus me der ainda alguns annos de vida, heide emprega-los em escrever um livro em que heide dizer tudo o que sei desta materia.» — «Desde já acceito a dedicatória dessa obra» — disse elrei. — O monge inclinou-se.

«Reverendo padre — proseguiu Philippe 3.^o, — não poderia, para fazer passar o tempo, contar-nos alguns dos acontecimentos que hão de achar logar nesse livro?»

A estas palavras o monge não podia encobrir uma violenta agitação nervosa em todo o corpo, mas com um esforço sobre-humano a reprimia, e respondeu em tom inteiramente tranquillo: «Com muito gosto, senhor; mas qual devo preferir?» — «Qual quizerdes.»

Fr. Ambrosio recolheu-se por alguns instantes, e depois principiou desta maneira:

«Senhor, quando durante a sua residencia no Escorial, V. M. tiver casualmente caçado nas montanhas de Guadarrama, não terá observado do cume oriental donde se vê a torre de Segovia, um castello velho, hoje abandonado e que cahe em ruinas?»

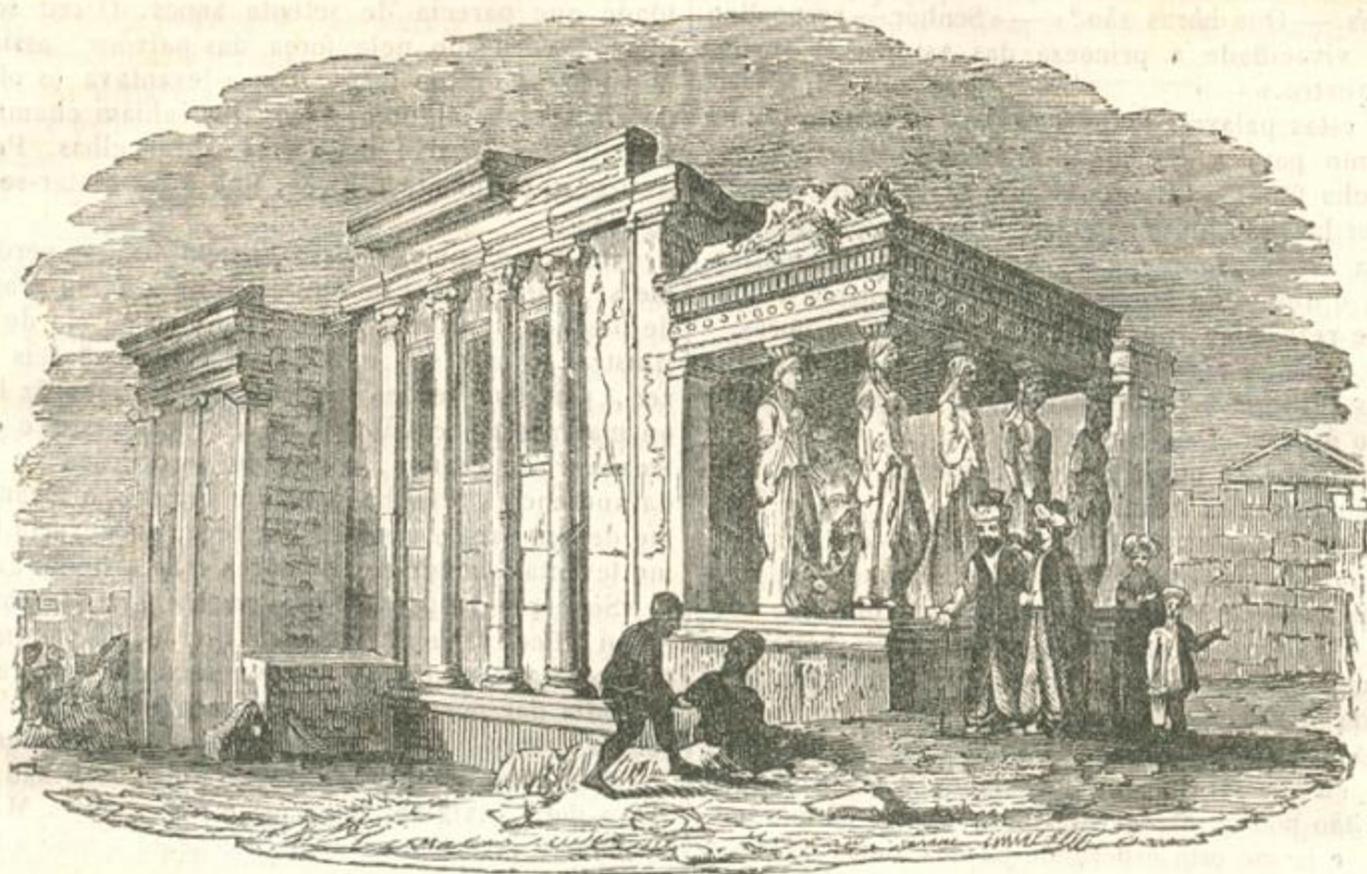
«É verdade — respondeu elrei; — no outono passado matei um lobo perto d'elle. Não é o castello solar dos condes de Peñacerrada?» — «Sim, meu senhor; uma das mais nobres e antigas casas de Castella estes Peñacerradas.» — «Assim consta.»

«Lembra-me, padre, ter na minha mocidade ouvido fallar em um conde desse nome: era um va-

lente cabo de guerra, que ainda militou com o duque d'Alva, e que sempre se distinguio. Elrei meu pai apreciava-o muito.» — «Senhor, a memoria de V. M. é muito fiel; justamente desse ia eu fal-

lar.» — «Não teve filhos?» — «Dois filhos teve, senhor.» — «Que foi feito delles?» — «Apraz a V. M. ouvir a historia delles?» — Elrei deu um signal de assentimento.

(Continuar-se-ha).



PORTICO E RUINAS DE PANDROSIO.

ERECTHEION é um formoso templo no estylo jonico, situado na cima occidental da Acropolis em Athenas, e que nos fins do seculo passado fazia parte desta moderna fortaleza. Logo pegado está outro, a que chamam templo de Pandrosio, ou de Minerva Polias, com um pequeno portico, que em vez de columnas ou pilastras se firmava em seis caryatides, uma das quaes existe ao presente no museu elginense de Londres; e tem como as que emparelhavam com ella sete pés d'altura. Caryatides em architectura são figuras humanas, a que primeiro chamaram persianas, porque as inventou Pausanias, pelos annos 478 antes de J. C., para ornar um monumento em memoria da batalha de Platea, em que os persas invasores foram totalmente derrotados; essas figuras representavam os prisioneiros de guerra, e por isso as de vulto de homem tinham as mãos atadas atraz das costas; pozeram-lhe depois o nome de caryatides, por motivo igual, em commemoração do desbarate dos cários, povos d'Asia, inimigos dos athenienses: tal é a origem desta denominação segundo o grande mestre da architectura Vitruvio; outros escriptores porem as reputam de origem muito mais antiga que a invasão de Xerxes, e dizem que os gregos tomaram do Egypto essa moda: finalmente ha quem supponha que as figuras, sendo femininas, symbolisam as virgens dedicadas ao culto de Diana trazendo á cabeça os vasos do serviço do templo.

Erechtheion é o titulo de um livro, que trata especialmente do edificio do mesmo nome; composto pelo architecto inglez Inwood, que não contente com esse trabalho imitou o templo grego, e o seu adjunto Pandrosio no risco exterior de parte da nova igreja de S. Pancrácio em Londres.

ECONOMIA POLITICA.

Considerações sobre o Curso d'Economia Politica do Sr. Miguel Chevalier.

VIII.

É CERTO que o sobrecellente dos productos do lavrador, em geral, é a regra e a baliza do crescimento das classes que não cultivam a terra. Mas hoje que está preenchido o deficit annual d'esses productos, e que temos o alimento, pôde sem inconveniente, e deve a par d'elle nascer e fructificar o *commodo*, apanagio das artes fabris.

Seja-nos guia no futuro a nossa historia economica que é esta. Fomos agricultores no berço da monarchia como quasi todos os povos principiantes; não exclusivamente, porque á similhaça de todas as outras nações em circumstancias analogas, fabricámos ao mesmo tempo vestidos grosseiros para nos cobrir, e móveis para nos servirem ao uso diario. Depois fomos commerciantes, d'aquella especie de commercio a mais instavel que se conhece, porque se funda na ignorancia eterna e na fraqueza infinita dos outros povos — que é o monopolio. Um tempo houve que quizemos applicar os nossos desvelos para as artes fabris; mas faltava-lhes o pão que não tínhamos; as machinas que não adoptavamos da invenção alheia, ou que não armavamos da propria; a emulação adormecida com a certeza, enganadora, do mercado exclusivo das colonias; e a paixão progressiva, a energia das artes, esse formidavel reagente, inimigo do repouso, que as esmorece, amigo do pensamento que as punge sem descanso; e desassistidas de todos estes apoios, apenas as despossaram do mercado exclusivo do Brazil, assalta-

das pouco depois em 1810 pela irrupção dos artefactos estrangeiros, inglezes, e de outros povos, com capa e rotulo inglez, declinaram rapidamente até que em fim succumbiram estas excellentes artes.

Tambem pertendemos voltar os olhos para a terra, mas que podia ella dar-nos, posto não fosse avara nem esteril de thesouros, se opprimida ao peso dos grilhões feudaes a não libertava-mos? Tendo malcuidado a agricultura e as fabricas, fiados unicamente no monopolio commercial, quando o perdemos, chegámos a ponto de nos vermos obrigados a subsistir quasi unicamente das accumulações do trabalho anterior; estado que durou desde que foi transportada para o Brazil a séde da monarchia até a revolução de 1820. N'esse periodo de 12 annos pôde dizer-se, que appresentámos ao mundo o espectáculo, unico na historia das nações civilisadas, de um povo vivendo, quasi sem crear renda annual, dos seus capitaes, esgotando toda a sua força, estancando todas as nascentes da producção; vendo, ao mesmo tempo perecer o seu commercio, desfinhar as suas fabricas, fechar ao sobrecellente d'alguns productos da sua agricultura o unico ou o melhor mercado externo que tinham; e aggravando as vicissitudes inevitaveis da fortuna com os erros economicos cuja imputação, toda, pertence á cegueira e ignorancia dos homens. Era preciso sahir desta situação violenta, e embaraçosa, sobre quanto se possa imaginar, á economia de um paiz; e irrisorio intenta-lo sem revolução politica. E d'ahi a de 1820. Depois d'ella ainda que fosse possivel continuar a predilecção para o anterior systema commercial com menosprezo da outra industria, era força trocar por outros os regulamentos, ruinosos sobretudo depois de abertos os portos do Brazil, os regulamentos pelos quaes se governava o nosso commercio externo. Mas perdido o Brazil, a pedra angular d'esse systema, era então indispensavel descontinua-lo, e lançar mão da agricultura e das fabricas. O peso dos habitos era tão poderoso; os espiritos tão affeitos a supprir-se no mercado estrangeiro do pão e dos vestidos e commodos que o paiz não produzia; o geito da carreira da America tão antigo, que a custo, e como contrafeitos, nos fomos encaminhando para nova verdade, e novo regimen economico, com tamanha repugnancia que só passados doze annos, tres guerras civis, a ultima semeada de grandes catastrophes, e remivel somente por grandes reparações, illustrados e pungidos de desenganos tão estrondosos, só então nos resolvemos a entrar, francamente, em caminho diverso do até ahi cursado. Emancipou-se a terra, e cinco annos depois a terra retribuia agradecida, e até generosa, o beneficio. Soltaram-se certas prisões á industria fabril. Não bastava. Mas prestou-se-lhe favor directo, e logo começou ella a mostrar signaes de vida, e mesmo a engrossar e crescer; e engrossava e crescia, porque alem de desassombrada de uma lucta perigosa a sua fraqueza infantil se ia prevenindo e fortalecendo de meios de resistencia, de machinas e capitaes e experiencias e ensaios para quando a sua robustez a habilitasse combater sem desvantagem, e mesmo a aperfeiçoar-se nas lides da concurrencia.

Em quanto os factos tomavam assim um rumo determinado, contribuindo a que se acordasse por uma vez n'um systema economico definitivo, os juizos incertos e varios fluctuavam, ou divergiam. Ora se dizia: a nação é essencialmente agricola: do solo é que ella ha-de extrahir a sua riqueza e prosperidade: as fabricas atrazam-na e empobrecem-na.

Ora insinuavam que a agricultura não promettia o que se cuidava, e que se o reino se achava bastecido de cereaes era pelo contrabando, não pela colheita. Estes proclamavam então o commercio unica ancora de salvação: arrazar as barreiras que lhe oppunham as alfandegas, quebrar as algemas que a natureza ou a nacionalidade tinha forjado aos principaes dos nossos rios, destruir quanto se lhes representava empecimento á entrada e circulação dos productos estrangeiros — tal era o seu voto.

Mas venho ao meu pensamento que é — a necessidade de pôr termo a estas frequentes oscillações e de fixar por uma vez o nosso systema economico. E este systema deve ser mixto; — ao mesmo tempo agricola, fabril, e commercial. Agricola pela fertilidade do nosso torrão, a extensão e preeminencia da nossa agricultura sobre as outras industrias, e a necessidade do alimento a que todo o estado deve consultar. Fabril para supprir ao nosso mercado domestico meramente, porque nem a superioridade industrial de outros povos, nem os capitaes que precisámos plantar na terra, nos permitem dar ás fabricas tamanho impulso que nos habilite a nação exportadora de artefactos. Commercial, para conservarmos as possessões do ultramar. E maritimo tambem; porque, para sermos commerciantes de commercio externo, havemos de ser navegadores.

Temos assaz capitaes para manejar tantas industrias ao mesmo tempo? Não são bastantes, eu o confesso, para despregar a desejada energia e actividade em todas ellas. Em tal caso, dir-me-hão, não conviria applicar esses capitaes que temos á agricultura somente para tirarmos d'ahi o beneficio que a nossa inferioridade, e a disseminação delles por diferentes empresas nos não promette! Este conselho pôde traduzir-se assim: comprai os artefactos ás nações fabris: fazei o vosso commercio externo nos vasos das nações maritimas; ou encarregai-as de fazer por vós esse commercio: porque d'este modo os artigos fabris, o commercio, e o carreto maritimo vos sahirão muito mais baratos. A querermos ser coherentes, deveriamos tambem comprar trigo em Odessa, no Baltico, nas duas Castellas, abandonando a agricultura pelo mesmo principio porque largavamos as fabricas, a navegação, e o commercio. Alimentados, então, vestidos, transportados por estrangeiros, em completa ociosidade, viveriamos á lei da nobreza, mas de que haviamos de viver? De que rendas, de quaes minas?

Se nós tivéssemos um monopolio natural tão importante como o do chá, com mais fundamento desviaríamos das outras industrias os capitaes para os empregarmos exclusivamente no grangeio d'esta, suppondo que, muito mais lucrativa que todas as outras juntas, fosse bastante a manter-nos no estado de nação. Mas se nós não possuímos senão o monopolio dos vinhos do Porto, insufficiente a indemnizar-nos da perda de outros rendimentos, e demais enfraquecido e combattido todos os dias por outras nações, e pela inconstancia da moda e os caprixos do paladar, que havemos de fazer senão valer-nos dos motores industriaes communs a todos os povos civilisados, e produzirmos nós mesmos os artigos reclamados pelas necessidades mais geraes do nosso mercado interno? Que pelas diferentes industrias se distribuam em proporções justas e adequadas á quantidade d'elles e á importancia relativa de cada industria os capitaes, bem é: essa distribuição se executará pela simples premoção e instincto do interesse particular com mais acerto do que o seria,

se o podesse ser, pelas combinações, fossem ellas as mais apuradas, do legislador. Mas que não sendo o nosso solo dotado com nenhum producto natural privilegiado, de grande exportação, e extraordinario consumo, vamos consagrar á terra todas as fadigas e cuidados desamparando as artes fabris, e desdenhando-as como agente muito subalterno da riqueza, só nos occupemos dellas nas horas vagas, por curiosidade e desenfado, não me parece prudente.

Se como os Estados-Unidos produzissemos em grande copia algumas materias primas de immensa procura para as fabricas, como o algodão e outros generos — se as machinas vorazes e as insaciaveis officinas da nossa Europa deparassem em Portugal o principal artigo da sua elaboração infatigavel, demittissemos então de nós, muito embora, o officio de fabricantes: não seria erro: posto mais seguro fóra, talvez, não o demittir de todo. Convem sempre, em these, a uma nação essencialmente agricola tecer por suas mãos proprias os vestidos singelos da classe que rega a terra com o seu suor: e o mais ardente egoismo da nacionalidade, os preconceitos mais exaggerados ou mais poeticos da independencia fraternisào neste ponto com os preceitos, aridos e inexoraveis, da sciencia. Por patriotismo e por calculo, seja cioso, pois o deve ser, de vestir-se a si mesmo o povo agricultor. Se na exportação do algodão consiste a sua riqueza, a sua riqueza não ha-de padecer quebra, ainda que elle recuse acceitar pannos em troca do algodão, porque é este um producto tão afreguezado, que na actual situação economica do mundo não haverá, por muitos annos, probabilidade de que affrouxe o seu consumo: e d'este modo o paiz que é agricultor, esteja tranquillo sobre a sua extracção. E aquelle paiz agricola, pelo contrario, que não é exportador, ou cuja maior riqueza se não cifra na exportação de productos de monopolio, com dobrado motivo deve fabricar vestidos para as suas classes laboriosas, porque limitando-se quasi ao interno todo o seu mercado, aproveita-lhe mais que a qualquer outro amplia-lo por agencia das fabricas, que serão um acrecido de consumo para os seus productos ruraes.

Resulta, pois, que sómente os paizes, como os Estados-Unidos e o Brazil, opulentos em productos naturaes, e esses exclusivos ou quasi, e alem de exclusivos muito superabundantes ás necessidades do consumo domestico, e muito procurados para uso das fabricas ou do homem, podem, sem grave damno, escusar o exercicio da industria fabril, mas não tanto, esses mesmos, que vão comprar a nações estranhas as alfaias mais ordinarias do serviço das suas classes pobres. E que os outros, como o nosso, desfavorecidos de semelhante vantagem, se quizerem adiantar-se em riqueza, ou reanimar-se do abatimento, hão-de combinar com a agricultura as artes fabris.

A nós é esta combinação muito favoravel, pois com ella, ao lado da nossa principal producção que é a agricola creámos um mercado activo para as materias primas e os alimentos que fornece a terra, o qual debalde procuraríamos fóra do reino, visto que do proprio vinho, que é o principal artigo da nossa exportação o grande consumidor é Portugal. E esse mesmo artigo não o exportámos por sobrepujar muito ao supprimento interno, como o assucar no Brazil, e o algodão na America do Norte, porque do vinho que produz o nosso solo, segundo indica o rendimento do subsidio litterario, se fosse escançado pelas duas terças partes dos portuguezes

da Europa, tocaria a cada um pouco mais de meio quartilho por dia; circumstancia que mostra não só que elle não chegou ainda ao maximo da sua extracção possivel e razoavel dentro do reino; mas que Portugal está longe de ser verdadeiramente exportador, ou de poder basear na exportação de generos agricolas todo o seu systema economico, sacrificando outros recursos e instrumentos de riqueza social. Alem do vinho vendemos, na verdade, aos estrangeiros outros productos agricolas, como é o sal, mineral valioso que nos sobeja em grande excesso, mas de rendimento muito inferior ao do vinho. E tambem frutas e hortaliças, sobre os proventos de cuja exportação não haverá quem, certo, erga o principio anti-fabril sem excitar um riso mais inextinguivel do que o dos deuses de Homero.

(Continuar-se-ha.)

A. d'O. Marreca.

Hygiene.

CUIDADOS QUE SE DEVEM TER COM OS ENFERMOS.

DEPAROU-SE-NOS um artigo assim denominado por Mr. Ratier, doutor em medicina pela universidade de Paris, pratico mui conhecido por seu zelo, luzes, e publicações hygienicas, que por sua importancia, precisão, clareza, e utilidade pareceunos conveniente extrahir do Jornal dos Conhecimentos Uteis tom. 1.º pag. 16. Raras addições nos pareceu juntar-lhe. — Imagina-se, diz o citado auctor, haver desempenhado tudo quanto é necessario ao enfermo quando se ha ministrado tantos caldos por dia, tantos copos de remedio, tantas colheres de cordeal, &c., e pouco se inquietam do ar que elle respira, do regimen alimentario que se deve seguir, da limpeza e aceio em que deve estar, e principalmente do repouso de corpo e d'espírito que lhe são indispensaveis. Por uma imperdoavel condescendencia, em lugar d'executar á risca as ordenanças do medico, se facilitam ao doente alimentos defezos, como vinhô, e outros; conservam o quarto do enfermo sempre fechado, não renovam o ar, nem lhe mudam a camisa e lençoes da cama, assentando que todo o ponto está em reduzir o enfermo a uma immobilidade perfeita, e em afastar-lhe o contacto do ar atmosferico. A barbaridade e a preocupação neste artigo chega muitas vezes ao excesso de privarem inteiramente da luz do dia a camera do doente, fazendo-o respirar, alem de um ar corrupto o carbonico das luzes perpetuamente accesas. Outra prejudicialissima prevenção é assentarem que se não póde viver, nem tratar do enfermo sem lhe fazerem tomar algum alimento diario, ainda mesmo que o medico o tenha prohibido [o costume generalisado dos caldos de galinha está neste caso]. Quantas mortes, produzidas por um semelhante absurdo, tem acontecido nos casos em que é absolutamente indispensavel uma abstinencia total!

Mui felizes os enfermos a quem não rodeiam se não pessoas discretas, intelligentes, zelosas, e assaz firmes para executar á risca as recommendações do medico. Em vez de taes pessoas, os amigos, os parentes, os domesticos cheios de ternura, e d'uma muito mal entendida humanidade cedem aos desejos, ou phantasias do enfermo; minis-

tram-lhe refrigerantes e outros allivios passageiros, mas nocivos; diminuem as quantidades dos medicamentos prescriptos por comprazer ao doente; e quasi sempre os aturdem por um palavreado inutil a titulo de distrahir, ou animar o pobre padecente.

Assim que; *limpeza, discrição, bondade misturada com firmeza, intelligencia, e exactidão* em executar as ordens do facultativo, *cuidado, e reminiscencia* para dar a este conta de tudo o que lhe importa conhecer: eis todas as qualidades que se requerem no enfermeiro; e é isto o que mui raramente se encontra. Mas estes predicados do espirito não bastam só: convem que seja assaz forte e robusto para supportar as fadigas e a vigilia; para levantar, ou volver o doente; e desembaraçado e geitoso para praticar as miudas applicações e curativos periodicos que não estão a cargo do medico ou cirurgião. Desgraçadamente este officio e emprego, tão necessario quanto delicado, não está em voga, nem é seguido como cumpria. As mulheres são ordinariamente mais proprias para isto do que os homens; e povos ha onde esta importante tarefa faz o objecto d'um instituto religioso; taes são as beguinhas na Belgica, as irmaãs da caridade em França, e n'outras partes.

Apesar de tudo seria para desejar que só amigo e parentes se quizessem encarregar de guardar e servir os doentes de consideração. Uma guarda de algumas horas repartidamente não é demasiado penosa; e tudo iria melhor, e mais discretamente feito tendo o cuidado d'afastar aquelles que por sua fraqueza, ou demasiada ternura são inaptos para isso. Se as pessoas nimamente affectadas d'interesse e estremecido cuidado pelo enfermo se dedicassem a esta tarefa substituiriam o sentimento á razão, e ver-se-hia talvez em lugar d'um enfermo dois ou tres.

O que for nocivo para um são, não poderá jámais ser util a um doente. Assim um *ar demasiado espesso e carregado, uma temperatura muito quente e abafada* é cousa absolutamente prejudicial. Pelo contrario é preciso que o ar do quarto seja *puro, fresco e renovado* a miudo, havendo todavia a precaução de desviar a corrente d'*ar frio*: dever-se-ha abrir as janellas e porta alguns instantes cada dia, fechando então as cortinas do leito, ou resguardando com coberturas o enfermo. No inverno se deve conservar n'uma temperatura doce e agradável afoqueando a camera com brazas vivas de lenha de vides, no caso que ahi não haja chaminé em que possa alimentar-se fogo brando; de modo que haja sempre 15 ou 16 graus de calor de thermometro de Reaumur. [Nós estamos persuadidos que ha uma verdadeira preocupação em suppôr que nos paizes temperados, nos chamados mesmo de clima quente como em Hespanha e Portugal, não ha jámais necessidade de fogo senão nas cosinhas: em Lisboa mesmo ha nos mezes de dezembro e janeiro dias muito frios em que não só os doentes, os sãoes mesmo ganhariam em commodidade e saude aqueitando-se ao fogo. O receio das constipações é um papão, um phantasma ridiculo para com as pessoas sensatas e discretas que tomassem as precauções communs e ordinarias a todos os seres rasoaveis: o contrario disto é soffrer um mal actual pelo receio d'um futuro incerto].

Deve empregar-se todo o cuidado em evitar todos os *cheiros fortes e desagradaveis*. Convirá muitas vezes renovar e *purificar o ar com fumigações*

de chlorato, empregadas com moderação: todas as demais triviaes, como dos fumos de vinagre, d'asucar, d'alfasema, de polvora, de genebra, ou d'agua de colonia, &c. não servem senão de mascarar a infecção e podridão do ar sem remediar o mal.

Um outro costume, desgraçadamente muito commum, é o de sobrecarregar os enfermos de *vestidos e coberturas* demasiado *quentes*: nem muito, nem pouco é a regra adoptavel. É necessario que nenhum *apérto nem ligadura oppressora* cerre o doente: os colchões de pluma, e outros demasiadamente moles devem ser banidos da cama dos enfermos: os melhores leitos para estas occasiões são os moveis; aquelles em volta dos quaes se póde andar, que facilmente se podem mudar e desfazer sem incommodo do doente. Já se vê por isto que os mais ricos e luxentos leitos são os menos proprios para estas occasiões: uma cama levantada sobre bancos ou cadeiras será a mais conveniente ao tratamento do enfermo. Para os casos de fractura e deslocação de membros são excellentes os leitos mechanicos de Danjon, por meio dos quaes o doente se póde levantar e volver sem ajuda d'outrem. Deve procurar-se que o doente tenha sempre os pés quentes; e muito refrigera e consola os enfermos mudar-lhe a roupa da cama de tempos em tempos. Outra abusão muito espalhada é que não convem aos enfermos lavar-se; e não é raro verem-se doentes que durante trinta e quarenta dias não tem chegado ao rosto, á boca, e ás mãos uma gôta d'agua por limpeza; que emfim são conservados n'um estado completo de desalinho, e esqualidez repugnante. Alem do rosto, da boca, dos dentes e das mãos, que todos os dias devem ser lavados com agua morna, é indispensavel tambem lavar com uma esponja molhada n'agua avinagrada ou aguardentada as partes do corpo, que estando naturalmente mais sujeitas á pressão continua, necessitam de serem limpas a miudo.

O *regimen alimentar* é tão essencial que muitas vezes elle só completa o tratamento, e oppéra a melhora. Em quasi todas as molestias agudas, principalmente nas que são acompanhadas de maior ou menor desarranjo de digestões, o principal, e muitas vezes o unico remedio, é a abstinencia de comer; isto é, o curativo em tal caso é pôr em repouso o orgão fatigado. A dieta portanto é ponto capital: ministrar alimento a um doente de febre, é augmenta-la (*). Não se deve sob pretexto qualquer *dar vinho* aos enfermos sem uma expressa ordem do medico. A melhor bebida que se possa fornecer a um doente e convalescente é *agua pura*, ou ligeiramente assucarada, ou misturada com uma colher de bom vinho muito velho. É um costume reprovado *dar muitas vezes de comer aos doentes*: pouco e digerivel é o que convem: e para que se não encontrem no estomago os alimentos com os medicamentos é forçoso que haja intervallo razoavel para que os segundos não sejam annullados pelos primeiros.

Não se deve jámais *forçar a natureza*: convem

(*) Nós encontramos n'uma collecção d'observações hygienicas d'um homem mui illustrado uma que cabe aqui muito a proposito: = Tem-se communicado da India o uso da canja d'arroz (arroz cosido em agua) como o alimento mais proprio para dieta: o caldo de galinha sendo absurdamente ministrado aos doentes de febre. Descobriu-se este uso na India por occasião d'uma epidemia, em falta de comestiveis: com uso d'arroz cosido muito raro em agua e sal saaram.

observa-la, e ajudar seus esforços: por conseguinte na supressão das evacuações é preciso sim procurar remover a dificuldade, porem jámais com violencia e repetições que escandalisem e mortifiquem.

Se o *repouso physico* é necessario aos doentes, o *repouso e tranquillidade d'alma* não é menos importante. As comoções fortes podem fazer degenerar em molestias graves ligeiras indisposições. A *esperança é a mãe da alegria*, e é por taes caminhos que se aligeiram os males do enfermo.

As *mortes apparentes* reclamam igualmente um especial cuidado da parte dos enfermeiros, que desorientados pela illusão ou abandonam os pobres enfermos, ou os tratam como cadaveres descobrindo-os, tirando-os do leito, &c. A decisão decretoria do finado pertence aos homens da arte.

(J. da C. N. C.)

ORPHEU, SEGUNDO A FABULA E A HISTORIA.

ORPHEU, filho de Apollo e da musa Calliope, nasceu em Thracia, e habitando junto ao monte Ropos casou com Euridice, princeza daquelle paiz. Aristaco, principe visinho, se namorou desta apaixonadamente, e premeditou viola-la; mas ella, para se subtrahir á violencia do fogoso principe, fugiu para o campo aonde falleceu da mordedura de uma serpente. Tão atribulado ficou o marido com a perda de sua mulher que desceu ao inferno aonde esperava encontra-la. Orpheu era dotado de raro talento para a musica e poesia, e tão bom uso fez delles nas regiões infernaes que Plutão e Proserpina lhe restituiram a esposa, com a condição de que não voltaria a cara atraz sem que chegasse a ver a luz do mundo. Ou Plutão não sabia que cousa era amor, ou então quiz zombar do pobre Orpheu; porque sujeitar um marido a que em tão extenso caminho se não mova para ver se sua amada consorte o segue, era querer um impossivel. Impaciente Orpheu por ver Euridice, é desejando certificar-se se ella o seguia, quebrou a promessa, e perdeu para sempre sua mulher. Orpheu em quanto esteve nas trevas elogiou nos seus canticos a todos os deuses; esquecendo-se de Baccho por olvido inexplicavel. Este deus, estimulado com a affronta, instigou por tal forma as Menades, suas sacerdotizas, que fizeram em pedaços o poeta musico, espalhando-lhe os membros pelo campo; — as musas, porem, os juntaram, em premio de ter elle excellentemente cantado em louvor d'Apollo. Ha quem descreva mui diversamente a sua morte; mas isso pouco nos importa, pois agora só trataremos da vida.

Todos concordam em que Orpheu foi um dos mais antigos poetas da Grecia, e o primeiro que introduziu os ritos de Baccho. — Era pessoa de consumados talentos, e o mais sabio dos discipulos de Lino. Estabeleceu expiações para os maiores crimes, e ritos para aplacar a colera das mais offendidas divindades, sendo ao mesmo tempo medico habilissimo na cura de todas as enfermidades. Atribuem-se-lhe muitos livros em que trata da mutua geração dos elementos; da força do amor nas produções naturaes; das guerras dos gigantes com Jupiter; do rapto e queixa de Proserpina; das peregrinações de Ceres; dos trabalhos de Hercules; das ceremonias dos Coribantes; das respostas mysteriosas dos oraculos; dos sacrificios de Venus e Minerva; das lamentações dos egypcios por Osi-

ris; e da interpretação de sonhos, signaes, prodigios, e expiações pelos defunctos. Orpheu jactava-se de possuir a arte de ensinar aos homens a linguagem dos passaros; e de descobrir a vontade de Jupiter pelo vôo das aves; de poder deter os dragões em sua carreira; de tirar a peçonha ás serpentes, e de adivinhar em muitos casos as intenções dos homens. Não deve pois admirar que pudesse amansar as feras com os sons da sua lyra, fazer parar o curso dos rios, amainar as tempestades, nem que se movessem montes e arvores para o escutar!!

Os antigos suppozeram que Orpheu viveu no tempo dos Argonautas, e que tomára parte naquella expedição. Esta fabula teve origem no Egypto — o paiz das ficções. Quando no mez de julho o sol entra no signo de Leão o Nilo inunda os campos. Para significar a alegria do publico ao ver que a propicia inundação chegava á altura desejada, figuravam os egypcios um joven tocando lyra sentado ao pé de um leão manso; e quando as aguas não cresciam representavam o Horus estendido sobre o leão como se estivera morto. Chamavam a este symbolo Oroph, em lingua egypcia, que denota a parte inferior da cabeça, para significarem que a agricultura se achava então inteiramente parada; e as canções com que o povo se divertia neste periodo de inactividade, por falta de occupação, se appellidavam hymnos de Orpheu. Com o crescimento das aguas volviam os lavradores aos seus trabalhos, e isto deu occasião a dizer-se que Orpheu voltava do inferno. A uma imagem collocada junto do Horus chamavam os egypcios Euridice [palavra composta de *eri*, leão; e de *duca*, manso] para significarem que a violencia ou raiva da inundação tinha acalmado; e como os gregos interpretavam as figuras dos egypcios em sentido litteral, e não emblematico, fizeram de Euridice a mulher de Orpheu.

Polimento para moveis. — Muitos marceneiros de Paris e Londres usam de uma especie de polimento, a que chamáram da China, e que tem a vantagem de facil preparação e de conservar os moveis lustrosos e na belleza primitiva. Faz-se e usa-se pela maneira seguinte. Dissolve-se cêra em aguarras, partes iguaes: se o polimento é destinado a trastes de mahógano ou de côr semelhante, proceder-se-ha assim: — deite-se uma pouca de herva lingua de vacca de infusão em seis onças d'essencia de therebentina, por espaço de 48 horas; cõe-se o liquido e junte-se-lhe seis onças de cêra bella feita em migalhas; depois de encorporada com a essencia esta nova substancia, põe-se de parte mechendo de tempo a tempo: ao cabo de outras 48 horas achar-se-ha dissolvida a cêra, e formada uma quasi massa mui branda; a qual applicarão sobre os moveis esfregando com um pedaço de flanela sem descontinuar a fricção em quanto não estiver sêcco o polimento e até que não haja na madeira o menor vestigio d'humidade. — Se o polimento que se pertende é amarello deita-se d'infusão páu amarello dos tintureiros em vez da herva supramencionada. Sendo os moveis de marmores, dissolve-se cêra branca em vez de amarella; e dá-se o polimento do mesmo modo. — Esta substancia deve ser guardada em vasilha bem tapada.

As maximas são como os numeros, que comprehendem grandes valores em bem poucos algarismos.